

A BESTA DE OMAHA

O soldado alemão reivindica quase 2 mil americanos mortos no Dia D, mas a realidade está longe disso.



Quando Cornelius Ryan escreveu sobre o desembarque das tropas aliadas na Normandia no dia 6 de junho de 1944, que entrou para a história como o Dia D, não podia dar outro nome para seu livro que “O mais longo dos dias”. Afinal de contas, descrevia um dia que durou mais de seis meses.

A preparação do desembarque era um pesadelo de logística. Apenas no primeiro dia, 156 mil soldados desembarcaram em cinco praias que totalizavam 80 quilômetros de faixa de areia, auxiliados por outros 287 mil homens embarcados em sete mil navios e outros 22.400 paraquedistas lançados no dia anterior para tomar pontos importantes e evitar um contra-ataque alemão. Um esforço conjunto de 13 países diferentes.

Imagine ainda coordenar todas as equipes, cada uma com missões específicas, baseadas nem sempre em informações confiáveis, contra o exército mais poderoso já visto até então em todo mundo. Não foi à toa que o comandante supremo das Forças Aliadas, Dwight Eisenhower, já tinha deixado uma carta pronta para apresentar ao mundo desde a véspera, se desculpando pelo fracasso da invasão. Foi um alívio para o mundo quando um mês depois ele pôde, enfim, jogá-la no lixo.

Como era de se esperar, a resistência alemã variava de praia para praia, e, também na mesma praia e de setor para setor. As praias destinadas para o exército inglês, Gold e Sword, tiveram 413 e 630 casualidades, entre mortos e feridos. Juno, a praia destinada aos canadenses, teve 1063 baixas entre mortos e feridos. Utah, uma das duas praias destinadas aos americanos, foi ainda mais “tranquila”: apenas 197 baixas. Estima-se que 20 a 30 por cento dessas baixas eram de soldados mortos, o que dá aproximadamente 700 soldados mortos nas quatro praias.

Mas em Omaha foi diferente. A estimativa inicial era de duas mil baixas na praia, mas uma revisão recente mostrou que o número de feridos, mortos e desaparecidos passou dos 3 mil soldados, sendo aproximadamente dois mil mortos.

Omaha possuía defesas alemãs mais bem postadas, com faixas de terras mais largas – deixando os soldados aliados mais tempo expostos – e ainda

com uma escarpa junto à praia que permitia que as defesas alemãs fossem montadas no alto, com maior campo de tiro. Além disso, uma falha importante no planejamento aconteceu em Omaha: a praia deveria ter sido bastante bombardeada antes da invasão, mas os navios e aviões erraram os alvos. A ideia era provocar enormes crateras na praia para dar cobertura aos soldados, mas quando as primeiras levadas chegaram à praia, ela estava completamente intacta. “Cadê os malditos buracos que falaram para a gente se proteger?” era o que mais se escutava quando as portas dos navios anfíbios eram abertas para que os homens desembarcassem. Foi uma das poucas situações de combate onde os feridos tinham que ser carregados para a linha de frente, ao invés de serem retirados para a retaguarda.

Os números finais do Dia D foram de 4 mil e 413 mortos do lado aliado entre fuzileiros, marinheiros e paraquedistas. Desses, 2 mil e 499 eram americanos, e 1 mil e 914 dos outros 12 países aliados. Não há número final do lado alemão, mas as estimativas batem aproximadamente em um número próximo a isso: 4 a 6 mil mortos.

O mundo ainda chorava seus mortos e sarava suas feridas quando em 1960 o escritor Paul Carell lançou um livro intitulado “Sie kommen! Die Invasion der Amerikaner und Briten in der Normandie 1944” (Eles estão vindo! A invasão dos americanos e ingleses na Normandia 1944). Dentre os vários relatos do livro, ele narrou a história do soldado alemão Heinrich Severloh, que fora lotado no complexo defensivo alemão Widerstandnest-62 – ou simplesmente WN-62 – localizado na divisa dos setores Easy Red e Fox Green da praia de Omaha naquele 6 de junho.

Segundo o relato, Severloh permaneceu mais de oito horas seguidas – das 6h30min da manhã até as 15h – em sua posição, alternando entre tiros da sua metralhadora MG-42 nos soldados que desembarcavam na praia e – quando a arma esquentava demais – sua carabina. Foram aproximadamente 12 mil disparos de metralhadora e 400 de rifle, antes de ter que abandonar o local quando sua posição foi atacada por soldados aliados. Fugiu para o interior depois que a grande maioria do seu pelotão foi morta, mas foi capturado com outros soldados e enviado para um campo de prisioneiros alemães nos Estados Unidos. Em 1946, foi encaminhado para outro campo de prisioneiros na Inglaterra, e solto em 1947, onde pôde enfim voltar para a casa de sua família em Metzinger, na Alemanha.

Segundo o relato, Severloh estima que matara sozinho mais de mil soldados americanos, talvez chegando até a 2 mil homens. Rapidamente sua história foi divulgada por todo mundo, e ele foi apelidado de “Besta de Omaha” pelos jornais americanos. No entanto, vários especialistas começaram a questionar se os números de Severloh não estavam exagerados demais. Há várias dúvidas no seu relato e muitos dados do livro de Carrel que não batem com as estatísticas oficiais.

Primeiro, toda a praia de Omaha teve um número aproximado de 3 mil baixas, com 2 mil mortes estimadas. Para que os números de Severloh estivessem certos, ele teria que ter atirado em toda a extensão de oito quilômetros da praia, o que é impossível: o alcance máximo de uma metralhadora MG-42 é de 2 mil metros, e as tropas americanas que poderiam ficar ao alcance efetivo dele teriam que ter desembarcado no máximo a 500 metros de onde estava.



Entrada de uma casamata da Base WN-62.

Em segundo lugar, o complexo WN-62 que Severloh servira estava localizado na divisa do setor Easy Red e Fox Green de Omaha, que foi atacado pelo 16º Regimento da 1ª Divisão de Infantaria. Estatísticas do dia mostram que esse regimento teve “apenas” 300 baixas entre mortos e feridos, com um número próximo de 200 de mortos.

Por fim, relatos oficiais dos aliados dizem que posições atrás da casamata de Severloh foram tomadas já às nove horas, e às dez horas todo o complexo alemão já havia sido neutralizado pelas tropas aliadas, com todo pelotão alemão morto ou capturado. Não havia como Severloh ter continuado atirando em soldados americanos na praia até as 15h, como ele diz no seu relato.

Durante anos essas dúvidas permaneceram sem resposta, até que em 2000, Severloh lançou sua biografia, intitulada *WN62- Erinnerung an Omaha Beach* (WN-62 – Memórias da Praia de Omaha). Nela ele relata sua

trajetória pelo exército alemão: se alistou com 19 anos de idade em julho de 1942 e foi mandado primeiro para a Rússia como membro da artilharia. Em 1943 foi encaminhado para a França, e depois lotado na Muralha do Atlântico, na Normandia. Designado para o setor de defesa WN-62, uma das 15 bases alemãs na praia de Omaha, chegou de charrete ao seu posto junto com outros sete homens do seu pelotão às exatas 0h55min da madrugada do dia 6 de junho de 1944. Ele lembra de ter escutado no caminho até seu setor

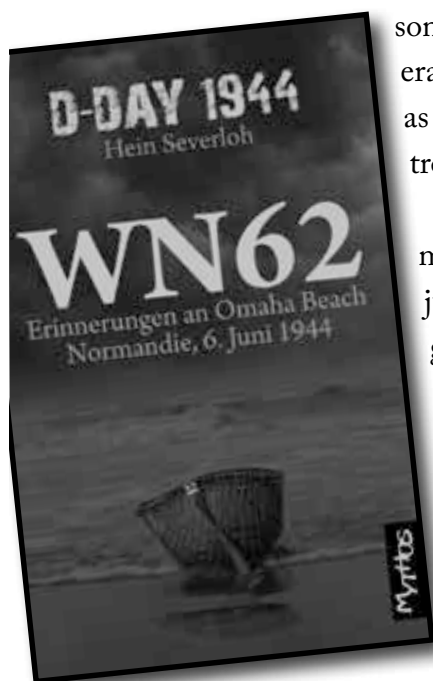
sons abafados de motor ao longe. Ele não sabia ainda, mas eram os aviões que levavam os paraquedistas aliados para as zonas de salto em Sainte-Mère-Église, a 40 quilômetros dali. O Dia D estava apenas começando.

Ele fazia parte de um grupo de artilheiros comandado pelo tenente Bernhard Frerking que agora se juntava com os 27 soldados da 3ª Companhia do Regimento de Granadeiros da 716ª Divisão de Infantaria e 13 soldados da 352ª Divisão de Infantaria. Sua função era ficar em um posto de observação dentro do complexo, para vigiar as praias e passar as informações para a artilharia na retaguarda, que eram transmitidas através de um posto de rádio localizado logo atrás. Próximo do local, a uns 50 metros de distância, ligada por uma trincheira de aproximadamente 1 metro e 70 centímetros de profundidade, havia um pequeno nicho escondido no meio do mato, guar-

recido com uma metralhadora MG-42 apontada para a praia. Havia mais sete homens nessa parte do completo de defesa WN-62, além de Frerking e Severloh, com funções entre comando, observadores, operadores de rádio e soldados de infantaria da 716ª Divisão.

Todos não tiveram tempo para muita coisa. Checaram todo o posto de observação para ver se tudo estava em ordem, testaram os rádios e trouxeram as cargas de munição para a metralhadora. Quando conseguiram se encostar em um canto para dormir, já passava das três horas.

Acordaram com o raiar do sol, às cinco horas. Mais pelos gritos do que pela claridade propriamente dita. Severloh levantou-se e viu que todos olhavam assustados para o horizonte. Havia uma grande névoa cobrindo a visão da praia, que foi se desfazendo rapidamente e revelando uma visão



Biografia de Severloh lançada em 2020.

A histó

assustadora: todo o mar a sua frente estava preenchido pelos navios aliados.

Gritos por todos os lados para os soldados tomarem seus lugares, que foram logo abafados pelo som de centenas de aviões que sobrevoavam suas posições. Em poucos segundos as bombas começaram a cair ao redor. Os alemães sentiam na pele as 1 mil e 285 toneladas de bombas jogadas nas 15 bases alemãs pelos 446 bombardeiros americanos B-24.

Era um dia relativamente nublado, com nuvens baixas, e os bombardeiros não conseguiram uma boa visão da praia, fazendo com que boa parte das bombas caíssem atrás da base. Não deu tempo, entretanto, para os alemães comemorarem. Menos de 10 minutos depois começaram a sofrer pesado bombardeio vindo dos navios aliados. Severloh ficou agachado dentro do posto de observação, e se assustou quando um grande pedaço de metal chocou-se com seu capacete. Buscou no chão o pedaço de ferro que o acertara, mas teve que largar imediatamente por causa do calor. Todos os soldados ficaram deitados, se protegendo da melhor maneira que podiam, até o bombardeio cessar.



Bernhard Frerking.



O posto de observação.

Assim que o silêncio retornou, Severloh saiu da casamata e foi para o nicho onde estava sua metralhadora, já preparada desde a noite anterior. Ele sabia que os navios pararam com os tiros porque as primeiras levas dos

soldados chegavam nas faixas de areia. Frerking o seguiu para poder ter uma melhor visão de toda praia, já que do posto de observação era possível ver os navios no mar, mas era difícil ver o que acontecia em toda praia. Severloh deitou-se atrás de sua metralhadora, fez a última checagem do material e esperou. Segundo ele relatou em sua biografia:

“Eram 6h30min da manhã quando os primeiros barcos abriram suas portas e os GI (soldados americanos) desceram para a água. Desciam despreocupados, como se estivessem em treinamento. Frerking estava ao meu lado, me dizendo para atirar somente quando eles estivessem a menos de 400 metros de nossa posição, então apenas observava tudo quieto. A maré estava baixa e eles ainda estavam bem distantes, então fiquei parado, apenas os observando descer dos barcos. A água batia na altura do peito, e fizeram duas longas filas, com o homem de trás segurando na mochila do homem da frente.”



Reconstituição da posição de Severloh no seu nicho de metralhadora.

Frerking agora estava ao seu lado agachado, seguindo o lento caminhar dos soldados com o olhar. “Pobres porcos” foi a única coisa que falou antes de se levantar para pegar o rádio e ordenar à artilharia que tomassem posição de disparo. Dentro de minutos a praia seria varrida por morteiros alemães e tiros dos canhões de 88 milímetros vindos da retaguarda.

Severloh segue o relato:
“Quando eles estavam a apenas 300 metros da nossa posição, comecei a atirar. A água batia agora na altura do joelho, então comecei a ver os respingos de água que minhas balas causavam, e isso me ajudou a ajustar a mira.

Eles começaram a saltar, mas não havia onde se esconder. Alguns soldados tentavam correr em desespero na nossa direção, tentando buscar proteção fora da água, mas eles estavam longe da vegetação e tínhamos longos segundos para acertá-los. Eram várias metralhadoras disparando de todo elevado, e em pouco tempo todos os soldados estavam mortos. Passaram-se cinco minutos, e chegava uma nova leva. Foi possível ver o pânico dos soldados quando a porta se abria, vendo o mar vermelho de sangue e que todos que haviam desembarcado estavam mortos. Só que dessa vez dois americanos conseguiram correr e chegar até a base da encosta, onde já começava a vegetação e obter refúgio. Todos os outros morreram.”



Visão que Serveloh tinha do seu ninho de metralhadora.



A visão que os soldados americanos tinham quando saltavam dos barcos. O posto de observação de Frerking (1) e o local onde Severloh estava com sua MG-42 (2).

Nesse momento, segundo ele, Frerking o chamou para dar novas orientações. Ele correu para o posto de observação e tentou acender um cigarro, mas suas mãos tremiam. Teve menos de cinco minutos antes que os barcos se aproximassem novamente.

“A terceira leva era muito maior que as duas anteriores, com mais barcos chegando ao mesmo tempo e com um maior número de soldados, um verdadeiro enxame de homens saltando para a água de todos os lados. Muitos já desciam em pânico, usando os corpos dos companheiros para se proteger ou tentando se esconder atrás dos “ouriços do mar” (pedaços de ferro montados como se parecesse um asterisco gigante, colocados pelos alemães para evitar que os navios se aproximassem da praia – eles penetrariam no fundo dos cascos se eles tentassem. Como a maré estava baixa, vários deles estavam visíveis acima da linha d’água). Esses eram os mais fáceis de acertar, porque estavam parados. A única chance que eles tinham era correr como loucos para a base da encosta e arrumar um jeito de se proteger por lá. Só assim eles saíam do campo de visão das metralhadoras.”

Ele descreve como observou um dos soldados prender na areia um poste de uns três metros de altura, com uma bandeira vermelha pendurada, para ajudar a orientar os pilotos dos navios. Estava a uns 300 metros à esquerda de sua posição, então certamente marcava o ponto de desembarque do setor Easy Red. Nenhuma bandeira desse tipo foi fincada no setor Fox Green.

Por volta do meio dia, ele já havia contado seis ondas de assalto. Severloh estava ficando mais experiente: agora ele já sabia a posição certa da mira, e começava a atirar assim que as portas dos navios eram abertas, não deixando os soldados sequer saírem para a água. A maré também estava mais alta, fazendo com que os navios de desembarque se aproximassem muito antes de abrir as portas. Ele notou, no entanto, que havia menos ninhos de metralhadoras alemãs atirando. Certamente várias posições alemãs já haviam sido neutralizadas.

Como os americanos agora desembarcavam mais perto, muitos estavam conseguindo chegar até a base da praia, já que o período que ficavam expostos correndo pela areia era menor. Um sargento alemão, coberto de sangue, apareceu pela trincheira, fugindo de granadas que foram arremessadas mais abaixo de onde ele estava. Severloh encontrava-se com as mãos ardendo

pelo calor da metralhadora, e tentava abrir o ferrolho da carabina com a bota. O sargento veio ajudá-lo e avisou: já havia muitos americanos lá embaixo.

Severloh já estava quase sem munição, havia dado mais de 8 mil tiros com sua metralhadora. O sargento, no mesmo momento, se prontificou a ir buscar mais pentes de balas. Severloh deixou a metralhadora de lado e pegou sua carabina. Quando olhou novamente para praia, viu um soldado à sua esquerda com um lança-chamas se aproximando da abertura do posto de observação, já subindo a encosta. Não pensou duas vezes: deu um tiro na sua direção, que acertou em uma pedra próxima. O soldado rapidamente tentou se esconder, mas um segundo tiro o acertou na cabeça.

“Naquela hora eu senti o que estava fazendo ali: matando pessoas. Eles agora estava perto demais a ponto de conseguir ver seus rostos. Antes era apenas atirar em pontos ao longe. Sempre lutara na artilharia, onde ficávamos a quilômetros dos nossos alvos, apenas colocando balas nos canhões, fazendo a mira e atirando. É claro que eu sabia que aqueles projéteis matavam pessoas, mas é diferente quando você atira olhando nos olhos do seu alvo.”

O sargento voltara com a munição, mas havia somente balas traçantes para uso noturno. Essas balas possuem um projétil a cada cinco que se ilumina quando sai da arma, e permite que você veja onde está atirando à noite, permitindo corrigir a mira. Por outro lado, revela sua localização para os inimigos, mas não havia outra solução. Ele começou a atirar novamente com a metralhadora, que já havia esfriado o suficiente para uma nova carga. Nesse momento ele ouviu um estrondo, e sentiu uma batida forte no rosto, logo abaixo do olho. Colocou uma das mãos em reflexo no lugar, que ficou imediatamente encharcada de sangue. Apenas quando ele olhou novamente para a metralhadora é que percebeu uma lasca no metal e entendeu. Alguém dera um tiro na metralhadora, que ricocheteou e acertou seu rosto.

“Continuei atirando com a metralhadora nos soldados que ainda continuavam desembarcando, mas logo uma explosão aconteceu na minha frente, seguido de mais outras que destruíram o cano da metralhadora. Achei a princípio que eram disparos de tanques, que agora começavam a chegar na areia, mas depois fui saber que era o cruzador americano USS Frankford que vira minha posição pelas balas traçantes e agora atirava sem parar de uma distância de três quilômetros de onde eu estava.”

Às 15 horas já era possível observar várias fileiras de americanos subindo o barranco a 250 metros do seu ponto de observação. Ele se virou para avisar ao sargento, mas notou que ele não estava mais lá. Simplesmente não voltara novamente depois que trouxera a munição. Nessa hora percebeu que granadas estavam sendo arremessadas para dentro do bunker de observação, onde estavam Frerking e os outros homens. Ele largou a metralhadora e correu para onde eles estavam. Um estilhaço havia atingido a patela de um tenente e ele não conseguia andar.

“Vamos ter que sair daqui, me ajude com ele, rápido” – disse Frerking, apontando para o tenente caído no chão, sem conseguir andar. Só nesse momento Severloh abandonou em definitivo sua metralhadora. A grama próxima da ponta da arma estava em chamas pela quantidade de calor liberada pelos disparos. Correram para os fundos da base alemã, onde Severloh pôde ver pela primeira vez o estrago das bombas americanas: havia grandes crateras por todos os lados, e as cercas de arame farpado estavam destruídas. Chamou por Schulz e Wernecke, os dois operadores de rádio que estavam transmitindo as informações que Frerking os passavam. Lá fora já estavam dois outros homens do 726º Regimento.



A trincheira de um metro e setenta centímetros estava agora destruída, e eles tinham que praticamente se ajoelhar no chão para ficarem dentro dela. Um dos soldados da 726ª foi o primeiro a sair. Pulou da trincheira e correu rápido pelo campo com o corpo agachado, mas uma chuva de projéteis o derrubou mais na frente.

Sendo os últimos soldados do WN-62, eram agora foco dos americanos que vinham de todos os lados. Não havia outra saída. Tinham que saltar e correr. Aproveitariam as crateras do bombardeio dos aviões aliados, originalmente planejadas para serem na praia para os seus soldados. Curiosamente, foi o que o salvou.

Todos começaram a correr ao mesmo tempo, saltando de cratera em cratera. Apenas Severloh e um dos operadores de rádio, Kurt Wernecke, chegaram ao final do descampado. Todos os outros foram mortos no caminho. Os dois conseguiram ir até o WN-63, localizado em Colleville-sur-Mer, onde havia ainda uma guarnição alemã com alguns soldados americanos capturados, mas eles foram cercados no dia seguinte. O WN-63 era mais uma casa de comando, com poucas defesas para deter um ataque pesado, por isso todo o grupo decidiu se render. Era o fim da guerra para Hein Severloh.

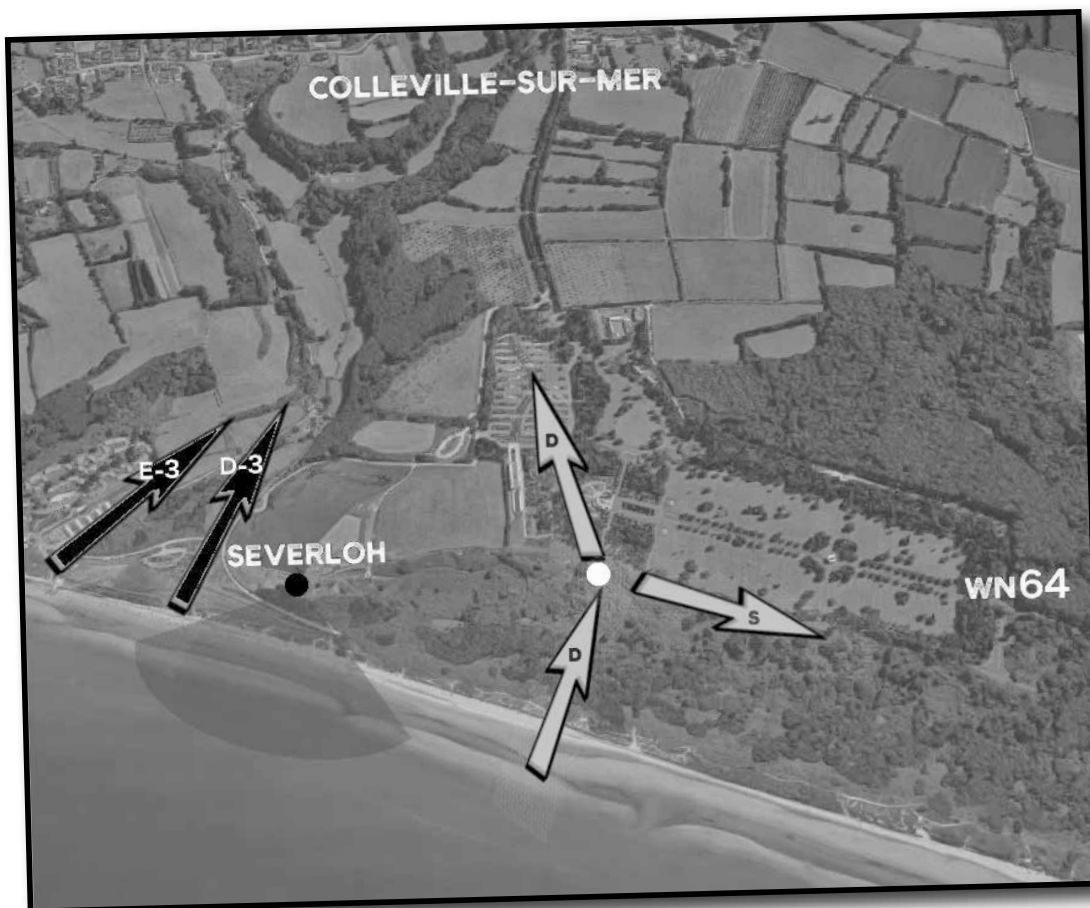
O relato autobiográfico de Severloh possui vários detalhes que são difíceis de serem questionados. E se formos confrontar com as informações oficiais sobre as movimentações americanas em Omaha naquele dia, muita coisa pode ser confirmada.

Segundo esses relatos, às 8h35min alguns soldados alemães já eram capturados pelos americanos, mas às 8h49min as tropas não estavam conseguindo progredir em alguns pontos de Omaha por conta do intenso fogo de metralhadoras espalhadas pelo terreno elevado, a ponto dos navios voltarem a atirar na praia das 9h20min às 9h48min, mesmo com risco de acertar os próprios soldados.

Colleville-sur-Mer, a cidade que ficava imediatamente atrás do complexo WN-62, foi uma das últimas a ser tomada, ainda estava em luta sangrenta ao meio-dia. Foi tomada pelos americanos às 13h42min, mas logo um contra-ataque alemão retomou a cidade de novo às 13h58min. Somente no final da tarde que as tropas americanas conquistaram o controle definitivo da cidade.

Mesmo assim, os relatos das forças aliadas mostram que os americanos usaram dois caminhos para chegar à cidade, um pela esquerda da WN-62, criado pela infantaria liderada pelo capitão Joe Dawson – um caminho que passa hoje pelo cemitério americano construído após a guerra para os soldados mortos na Batalha da Normandia – e outro caminho à direita, que hoje possuiu uma estrada chamada Via dos Moinhos e foi usado pelos tanques. Nenhum desses caminhos conseguia ter uma visão adequada do local onde Severloh estava, por ser um lugar mais baixo.

Dawson subiu o elevado por onde havia uma vegetação mais densa, e mais fácil de se proteger. Ao chegar ao topo, neutralizou um ninho de metralhadora com uma granada. Nesse ponto, dividiu suas tropas: metade



Mapa da praia de Omaha, setores Easy Red e Fox Green. As setas claras mostram o caminho que Dawson usou para chegar ao interior. Depois de destruir o ninho de metralhadora (ponto branco) ele preferiu seguir para Colleville (seta D). Parte de seu pelotão seguiu para o complexo WN-64, liderado pelo Tenente Spalding (seta S). As setas mais escuras mostram os caminhos abertos para os tanques: E-3 (aberto às 18H) e D-3 (aberto somente às 20H). Severloh estava no ponto preto e a area sombreada mostra o seu campo de tiro.

do pelotão seguiu reto para tomar Colleville sob seu comando, e o restante virou à direita para tomar o complexo WN-64, liderado pelo tenente John Spalding. Mas não foi mandado ninguém para o WN-62.

Nos planos originais designados para o pelotão de Dawson, havia a missão de neutralizar ambos os complexos, WN-62 e WN-64. Mas ele relatou que em WN-62 viu “apenas um amontoado de corpos de soldados alemães” e preferiu seguir em frente rumo ao segundo objetivo, tomar Colleville-sur-Mer. Ele não tinha como saber que a 400 metros à sua esquerda estava a metralhadora de Severloh trabalhando incansavelmente.

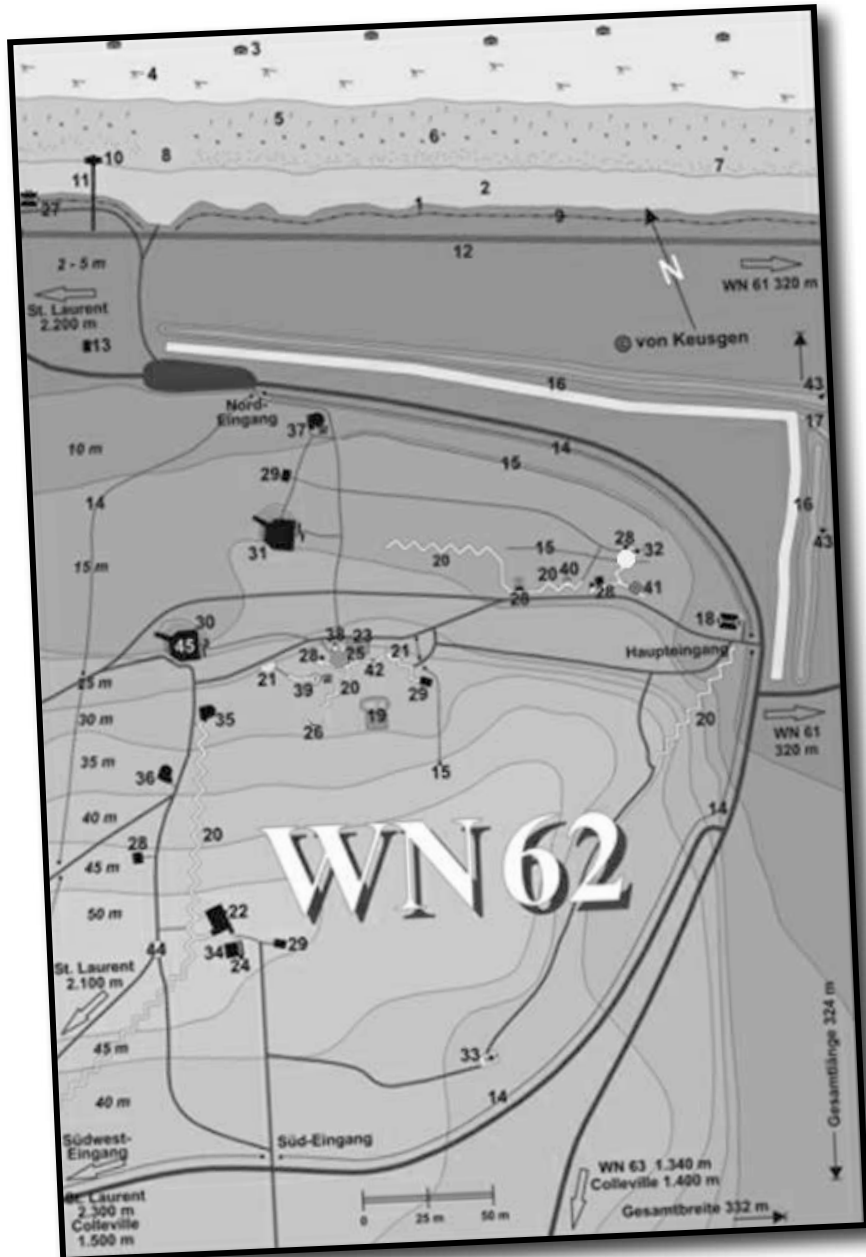
Do outro lado, havia a programação de abrir duas vias para que os tanques pudessem seguir para o interior. A via E-3, chamada de Via de Colleville, que só foi aberta às 18h, e a via D-3, onde hoje é a Via dos Moinhos, só foi completamente aberta às 20h daquele dia.

Há também um relato interessante. Somente às 13h41min o comando central americano recebe uma notificação dizendo que a maior parte das metralhadoras alemãs em Omaha foram neutralizadas, mas não todas. Mais um ponto a favor de Severloh.

Por fim, outro soldado operador de metralhadora MG-42 do WN-62 também corrobora a história de Severloh. Franz Gockel tinha apenas 18 anos no Dia D, e atirou da sua posição das 6h30min até o meio-dia, quando se retirou do seu nicho por ter ficado sem munição. Um soldado saiu para buscar mais balas, mas não voltou. Ele então decidiu também se retirar, e acabou recebendo um tiro na mão esquerda. Conseguiu chegar à Colleville-sur-Mer e se juntar novamente ao seu pelotão, onde foi enviado para o hospital com outros feridos. Foi capturado somente no começo de setembro de 1944, no norte da França, um pouco antes da invasão dos aliados na Holanda, a Operação Market Garden.

O complexo de defesa WN-62 era muito grande, e o grupo de Severloh ficava em uma casamata bastante escondida afastada do centro do complexo, mais próxima à praia. Pelas fotos, era uma casamata pequena, escondida no meio do terreno, onde o caminho para chegar até ela era no meio da vegetação. Não seria absurdo pensar que mesmo que as tropas americanas tivessem tomado todo lugar, ele poderia ter ficado escondido onde estava sem ser importunado, até mesmo por toda confusão de que uma batalha desse nível proporciona.

No mapa a seguir do complexo WN-62 podemos ver a casamata de Severloh marcada com o número 41. Há também:

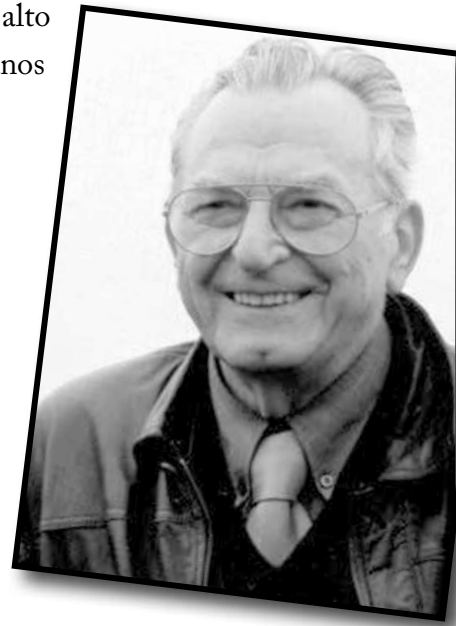


Posição 32: Ninho do canhão de 50 milímetro onde provavelmente estava o sargento que ajudou Severloh.

Posição 25: Posto de observação onde estava Frerking e os outros membros do pelotão.

Posição 26: Posto de rádio onde estavam alguns soldados do 726º Regimento e operadores de rádio.

Entretanto, mesmo que ele tenha permanecido em sua posição por todo esse tempo, dificilmente ele teria sido o responsável por tantos mortos. Esse parece ter sido o caso de exagerar bastante um número, simplesmente por ser difícil de mensurar. Duzentas a trezentos vítimas é um número mais real para Severloh. E acredite, é um número muito alto para apenas um homem. Hein Severloh morreu seis anos depois de ter lançado o livro, aos 82 anos de idade.



Heinrich Serveloh aos 76 anos.